

Comunhão

Comungar é ato divino. Não é apenas comunicar alguma coisa a alguém, é transferir-se de si para o outro integralmente. É repartir um pouco de si, compartilhar parte de seu eu entregando-se ao outro em confiança total. Comungar é ato nobre e reverenciado por todos quando o outro o faz com a entrega de seu coração também.

O ato de comungar, tão em voga na Santa Missa, é obrigação daquele que tem o coração pesado e necessita de outro para carregar consigo o fardo. Ao comungar divide-se a carga, mas divide-se também a responsabilidade, porque o outro passa a compartilhar com as mesmas necessidades daqueles que descarregaram suas lamentações, sofrimentos e dúvidas. Portanto, comungar não é ato solitário. É ato de duas mãos. Não há a comunhão se o outro não se insere inteiramente com aquele que lhe entrega a alma. Para o ato de comungar, uma virtude é essencial: a arte de ouvir.

Nos dias de hoje quão é difícil ouvir. Escuta-se demais, quando se escuta, mas ouvir, isto é qualidade de poucos. Nesta pressa do dia-a-dia, nesta correria sem fim, as pessoas não ouvem mais a ninguém. É raríssimo, cada vez mais difícil, ver alguém emprestar o ouvido e com ele o coração e alma, muito difícil. Nos dias corridos da atualidade se ouve

mais uma televisão do que um ser humano. É incrível!

Queria compartilhar desta minha angústia do lado de cá e este livro que escrevo é uma espécie de comunhão. Comunico as minhas impressões, o que vejo e o que sinto. Como a suplicar que compreendam a minha angústia em querer gritar bem alto que não morri, que continuo existindo. Mas muitos, rejeitarão este meu apelo, sequer me darão ouvidos para escutar estas linhas e mais ainda ouvir o que de profundo escrevi. Não acreditarão na vida pós-morte, embora estejam pregando aos quatro cantos que ela existe. Pois bem, estou aqui, estou comungando da minha existência na eternidade que Deus me reservou. Cheio de novidades, é bem verdade, mas que compartilho do fundo da minha alma para aqueles que verdadeiramente querem ouvir.

O Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre sábio, como que profetizasse – e de fato o fazia –, falou que aqueles que tenham ouvidos para ouvir que ouçam. E eu peço emprestadas as suas mesmíssimas palavras para gritar nesta comunhão de que necessitamos ouvir urgentemente as vozes dos céus que clamam por dizer o que está por detrás do véu da morte. Como a dizer que a vida palpita e a faz mais intensamente porque não se sente mais presa aos costumes ou ao corpo físico, porque vivem em espírito e verdade.

Por que não reconhecer, de uma vez por todas, as vozes do céu? Jesus as trouxe por intermédio dos Seus discípulos que falavam na Casa do Caminho.

Por que negar que continuamos vivos, íntegros, com

o pulsar da vida de maneira ainda mais bela?

Por que não afirmar que encontramos aqueles que nos deixaram antes?

Por que sufocar as vozes que gritam nas suas sacristias?

Por que não reconhecer a incrível inspiração que recebemos no momento sublime da Santa Missa, quando emprestamos a nossa voz para outros realizarem em nosso lugar, quando estamos totalmente entregues a comunhão com Deus?

Por que deixar para depois o que intramuros já sabemos há bastante tempo?

Precisamos nos reciclar, deixar para trás o que negamos e admitir a verdade cristalina que pula da nossa alma naturalmente. Foi o Senhor Jesus que domesticou demônios expulsando-os do convívio dos sãos, em espírito.

Não foi Nosso Senhor que delegou aos Seus fiéis seguidores a possibilidade de realizar os Seus feitos e muitos mais? Pois bem, é chegada a hora de, com equilíbrio, manifestarmos a vontade do Altíssimo.

Quantos Papas e Cardeais vejo, do lado de cá, querendo se comunicar, comungar a eternidade que tanto pregamos nos nossos altares e se vêem impedidos de fazê-lo nas nossas igrejas e conventos? Peço que atentem que outros irmãos, como este médium, são levados a serem os nossos intermediários unicamente pelo preconceito de não o fazermos em nossas hostes. Ainda bem, que o seu vínculo atávico nos liga no mesmo ideal e nos permite esta

conferência intermundos.

Meus caríssimos irmãos, perdoem-me esta comunicação efusiva e cheia de energia, mas não posso mais calar-me diante do que presencio. Abramos as nossas consciências de maneira equilibrada, voltemos a exercitar as práticas dos primeiros seguidores do Nazareno e deixemos que o Espírito Santo de Deus, por intermédio dos seus humildes seguidores, possam expressar os seus pensamentos e vontades, e consigam narrar, qual Dom Bosco em vida, as incríveis experiências do lado de cá tão conhecidas por alguns e tão escondidas para a maioria.

Sei que estas minhas palavras podem ser consideradas duras, mas peço ao meu bom Deus que se digne a todos que as lerem, a se comportarem qual aqueles que se entregam ao pensamento de quem está comungando, sem o desejo de censura, mas de compreensão verdadeira do que passa dentro do coração do outro. Foi assim que o Nosso Senhor fez para com todos que O procuravam em busca de um lenitivo para as suas almas e é isto que peço a vocês ao lerem esta comunhão que faço.

Que o Nosso Senhor nos digne da sua compaixão no nosso oratório interior e ilumine os nossos corações diante do perdão que devemos a todos quando erramos.

Que Deus seja louvado!

Capítulo 45

Sensibilidade

Uma rosa irradia para toda a gente que a vê, beleza insofismável, no entanto, perceber a sua beleza é qualidade de poucos. Não que ela deixe de ser bela, mas, muitas vezes, depende fundamentalmente dos olhos de quem a vê. É assim com tudo no mundo, a beleza, como de resto qualquer característica específica, depende, sobretudo, do bom observador. O que deduzimos com isso é que a natureza nos provê de tudo que é necessário e belo, no entanto, cabe a cada um de nós desenvolver a faculdade de percepção das coisas.

Como, então, observar o que há por trás de cada objeto, de cada situação, de cada expressão da natureza? Penso, meus queridos irmãos, que é através do desenvolvimento da sensibilidade. Sem a sensibilidade aguçada passamos pelo mundo sem vê-lo. É incrível! Quanta gente passa pelo mundo e não consegue ver as maravilhas que ele nos oferece. Tudo está aí para o nosso deleite e prazer. Usar com parcimônia e equilíbrio vai nos possibilitar usufruir sempre, mas, antes, será preciso ver o que se passa à nossa frente, detectar a realidade diante de nossos olhos, às vezes, cegos apesar das evidências.

A sensibilidade é algo que se desenvolve não de fora